

REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA FOI DIGNA E FEZ-SE NOTADA

Com uma presença este ano mais notada de uma representação portuguesa que inclui nove galerias encerrou esta semana em Madrid a VII Feira Internacional de Arte Contemporânea, mais conhecida como a ARCO/88.

Este ano, pela primeira vez na história da Feira, houve a novidade de que a participação de galerias de arte estrangeiras foi superior à participação espanhola, o que os observadores assinalaram como o principal sintoma da consolidação internacional do seu prestígio.

Num total de 262 expositores, dos quais 166 galerias — 86 estrangeiras e 80 espanholas — 57 publicações de arte e o resto entidades oficiais, a ARCO/88 apresentou este ano uma grande sensação de estabilidade, podendo considerar-se que atingiu um alto grau de organização.

Segundo a actual directora da ARCO, Rosina Gómez Baeza, as despesas com a organização — cento e cinquenta milhões de pesetas — não têm comparação com os saldos positivos que esperam obter a médio prazo pela consecução dos objectivos, pois um mercado internacional de arte, com continuidade e em constante crescimento, trará indubitáveis benefícios, tanto para a cidade de Madrid como para todos os artistas apresentados pelas galerias, sejam ou não espanholas.

Um grande espectro de tendências

A par da melhoria da ARCO em geral, este ano marcada por uma intencionalidade não figurativa e pela presença da mais Nova Escultura, também a representação portuguesa apresentou uma nítida melhoria, com uma selecção mais cuidada e uma melhor montagem dos pavilhões, se bem que a tardia decisão de participar tivesse relegado algumas gale-



Óleo de Rocha Pinto levado à ARCO/88 pela Galeria Novo Século

rais para lugares menos próprios e acessíveis.

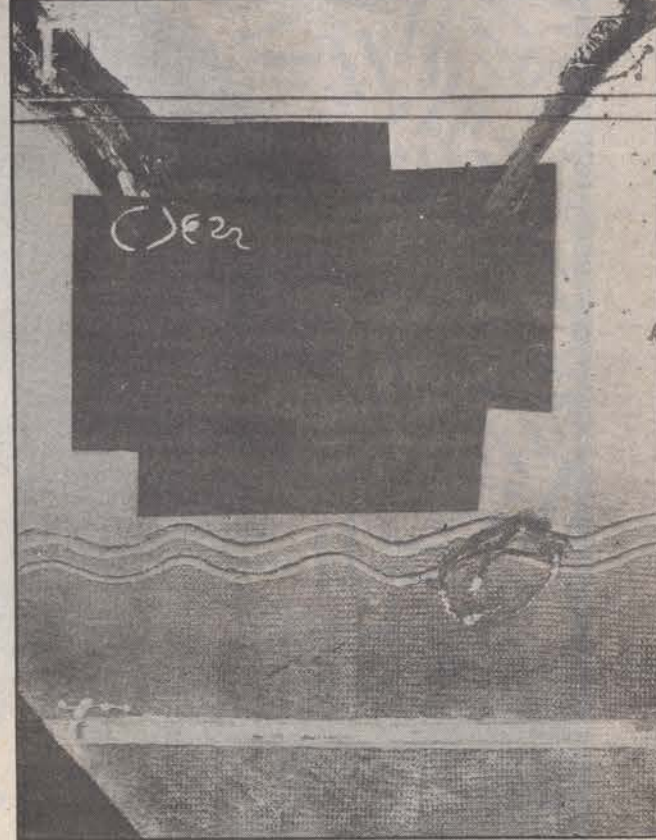
De qualquer modo, como foi notado na imprensa espanhola, que até agora nos ignorava pura e simplesmente, a nossa presença notava-se com um amplo espectro de tendências e com uma qualidade a ombrear com o que de mais interessante se está a fazer nos grandes centros culturais tradicionalmente conhecidos.

A incidência de artistas jovens, por um lado, e de nomes conhecidos e já renomados por

outro, como é o caso de Júlio Pomar, José de Guimarães e Manuel Cargaleiro, esteve igualmente em consonância com o panorama da ARCO/88, onde a jogada teve igualmente estas vertentes.

Do Porto ao Algarve

Paradoxalmente, o maior trunfo português, «Os Mascarados de Pirenópolis» de Júlio



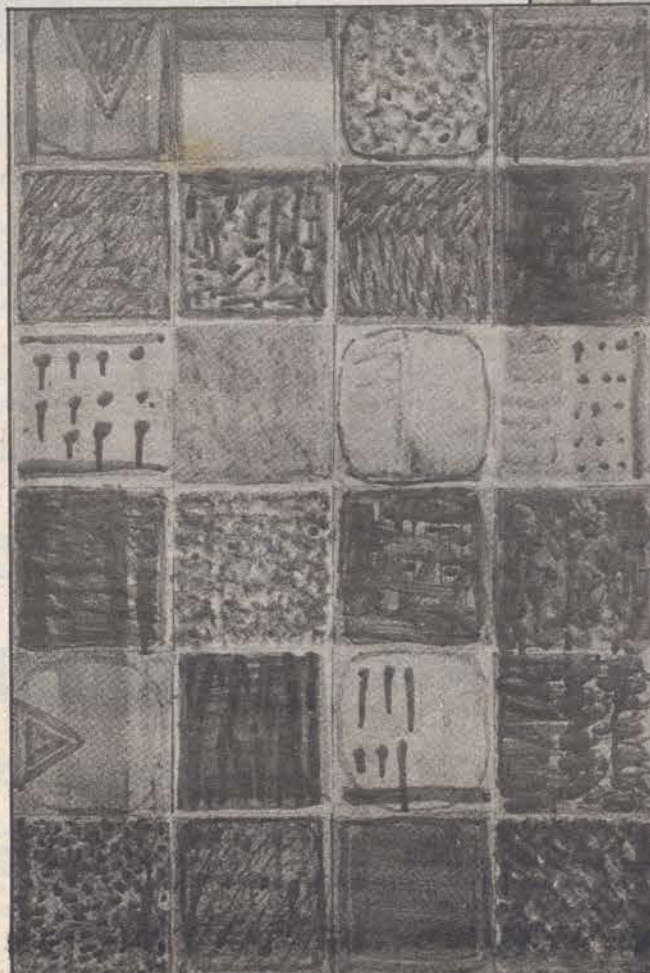
Obra de Tàpies, um dos expoentes da modernidade espanhola, apresentada pela Galeria El Coleccionista



A directora da ARCO, Rosina Gomez Baeza, passeando pela feira ARCO/88



Pintura de Ângelo de Sousa apresentada pela Galeria EMI



Azulejo de Justino Alves que esteve representado pela Oficina 59

Pomar, com que a Galeria 111 se apresentou, viria quase a constituir um fracasso, devido a uma montagem incompreensível tendo em conta o saber e o profissionalismo de Manuel Brito. Demasiado apertados, sem espaço para respirarem, os quadros de Pomar acabaram por não ter a sorte que mereciam.

Como consolação, foi dos poucos pavilhões da feira visitados pormenorizadamente pelo vice-primeiro-ministro espanhol quando da inauguração, patentemente do reconhecimento pela qualidade da obra de Pomar, autor de um quadro que Mário Soares ofereceu ao rei D. Juan Carlos na sua recente visita a Espanha.

José de Guimarães, relegado para um canto devido aos atrasos na decisão de o Centro Cultural de S. Lourenço participar na ARCO/88, voltou, mesmo assim, a ser notado, apresentando uma colecção de esculturas de papel muito equilibradas e atractivas.

Igualmente com grande qualidade apresentava-se a Galeria Nasoni, do Porto, com um con-

junto que incluía obras de Vieira da Silva e Arpad Szenes, ao lado de Armando Alves, Domingos Pinho, Joaquim Rodrigo, Jorge Pinheiro, Albuquerque Mendes, Darocha, François Boisrond, Manuel Moldes, Maria José Aguiar e Pedro Tudela.

Vanguarda e artistas internacionais

Na sua linha de vanguarda, dentro do que se convencionou chamar pós-moderno, a EMI-Valentim de Carvalho e a Galeria Cómicos tinham representações muito equilibradas.

Entre o grafismo de Pedro Calapez e a pintura despojada de Ângelo de Sousa, a EMI fazia ressaltar a escultura vigorosa de José Pedro Croft, enquanto os trabalhos de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Jorge Martins e Rui Sanches completavam um conjunto que acabou por atrair as atenções de vários galeristas e colecionadores europeus.

Por seu lado, a galeria Cómicos, com uma representação internacional em que incluiu até os espanhóis Juan Muñoz e Cristina Iglesias, ambos artistas prestigiados no seu país, montou um dos melhores pavilhões da feira em que a par de Boyd Webb, Gerard Hemsworth, Joel Fisher e Joseph Kosuth, apareciam os portugueses Cabrita Reis, Julião Sarmento, Leonel Moura e Pedro Proença, alguns destes a afirmarem-se definitivamente no panorama internacional da arte.

De certo modo na mesma linha, a Quadrum apresentava obras de Helena Almeida, José de Carvalho e Pedro Campos Rosado, este último com uma escultura grandemente inovadora. Sem os apoios prometidos, mas condignamente, salientava-se igualmente o pavilhão da Galeria Novo Século, com pinturas de Carlos Barroco, Rocha Pinto, Caseirão e Victor dos Reis, escultura de Luís Cruz e objectos de Romualdo e António Delgado.

Acertar o passo

Um pouco fora do espírito dominante da ARCO/88, mas igualmente com dignidade, salientava-se também a Oficina 59, com azulejos de vários artistas, nomeadamente Fátima Melo, António Palolo, Luís Pinto Coelho, Guilherme Parente, Justino Alves, João Mourão, Luís Cohen Fuse, Artur Bual e Catarina Castel-Branco.

Por sua vez, a Galeria S. Mamede apresentou obras de Manuel Cargaleiro, sempre no seu conhecido estilo, assim como Manuel Amado e Raul Perez, este último a merecer destaque pela perfeita execução das suas obras onde é visível um surrealismo tardio.

Enfim, pelo menos em arte, Portugal está definitivamente a acertar o passo com as capitais europeias mal-grado os poucos apoios efectivos oficiais. A nossa presença é já um facto nas grandes reuniões internacionais do mercado de arte e os contactos multiplicam-se de ano para ano. É só preciso mais uns empurrões e uma certa agressividade no plano de divulgação. O resto, isto é, as obras e os artistas, que é até o que mais interessa, já temos.